

styxx
parte 2
sherrilyn kenyon

Tradução de Rita Carvalho e Guerra

NOTA DA AUTORA

ESCREVER acerca da História é sempre uma perspectiva difícil. Para começar, os historiadores são, eles mesmos, extremamente contestatários em relação a tudo o que não possa ser provado, nem esteja gravado em pedra... O que corresponde à grande maioria da História humana. Há vários anos, Norman Cantor escreveu um livro espantoso intitulado *Inventing the Middle Ages*, que aborda o modo como os pontos de vista, as opiniões e as origens de um historiador adulteram consideravelmente a sua investigação e as suas conclusões. Passei muitos anos no campo da História, e em grupos profissionais de historiadores, e defendi teses e opiniões/conclusões suficientes para saber, em primeira mão, o quanto as nossas opiniões diferem e a violência com que defenderemos as nossas opiniões e conclusões.

Dito isto, a primeira parte deste livro existe fora de quaisquer provas arqueológicas concretas atuais, e antes da maior parte da História humana registada. Existem milhares de locais arqueológicos envoltos em acalorados debates quanto à sua idade e ao quão avançados seriam quando eram prósperos. Locais acerca dos quais nós, sinceramente, sabemos muito pouco ou nada, que podem ser interpretados de numerosas maneiras. E o registo histórico é escrito e rescrito todos os anos, à medida que novas provas, descobertas e interpretações são introduzidas.

No reino dos Predadores da Noite, no momento em que decorre este livro, o mundo antigo é muito mais avançado do que o registo humano aceite

que temos atualmente. Tal não significa que esteja errado. Significa tão-só que se trata de ficção.

Na minha coleção, depois da morte de Acheron, Apollymi lança o mundo de novo para a Idade da Pedra, e é por isso que a Grécia Antiga que nos ensinam na escola não é tão avançada como aquela acerca da qual escrevo para Acheron e Styxx. Não se trata de uma incorreção histórica da minha parte, ou de falta de investigação, trata-se antes de um mundo ficcional criado por mim.

A Grécia em que vivem os personagens não é a Grécia histórica acerca da qual temos registos. Alterei-a um bocadinho. A Grécia e o Egito de Acheron e Styxx são mais antigos do que os nossos registos históricos atuais para esses países. Tinha de ser assim, dado que não existem quaisquer registos escritos acerca do tempo da Atlântida (exceção feita à referência de Platão a uma cidade condenada, muitos séculos depois de esta ter sido destruída), já para não falar nos milhares de anos antes da Atlântida que compõem o mundo de Bathymaas e Aricles.

Algumas das cidades-estado, e dos países, deste livro, como Didymos, são fictícias, ao passo que outras, como Atenas e Tebas, são reais. No entanto, dado que não existem registos escritos humanos relativos a este período, e tendo em conta o modo como as cidades e os países podem mudar (por vezes, muito rapidamente), permiti-me alguma liberdade com elas.

Além disso, o grego que Styxx e Acheron teriam falado não é igual ao grego moderno, nem mesmo ao grego clássico/grego antigo escrito tradicional. As línguas são uma entidade viva e os significados das palavras estão sempre a mudar. Por exemplo, há vinte anos, dizer que algo era «louco» seria negativo. Hoje em dia, pode ser negativo ou positivo, dependendo do contexto. A língua está sempre a evoluir. Para conferir ao meu mundo ficcional uma sensação de modernismo, incorporei essa realidade nos livros.

Existem muitas palavras ou frases que podem ser construídas como modernas, mas que na verdade não o são. O homem antigo era muitíssimo criativo no que diz respeito ao seu vocabulário e insultos. Em alguns casos, usei a criatividade que os registos nos revelam e noutras abreviei para coisas como «vai-te foder», que parecerão corriqueiras. Isso não significa que se trate apenas de uma frase moderna (temos inúmeros exemplos históricos do seu uso escrito). No passado, tê-lo-iam dito e acrescentado toda uma série de pormenores. Da mesma maneira, palavras como «idiota», que soam modernas, são na verdade de origem grega — μωρός —, havendo registos da sua utilização na Grécia Antiga com o significado que lhe damos hoje, de pessoa

com pouca inteligência, tendo sido com esse sentido pejorativo que entrou no latim e, posteriormente, no português. Não sabemos o quão antigas são determinadas palavras, dado que apenas podemos avaliar a sua idade tendo em conta quando foram escritas. Mas, normalmente, as palavras e as frases circulam já há muito, antes de entrarem nos registos escritos, em especial no que diz respeito a períodos históricos.

O único termo verdadeiramente anacrónico no livro é «inferno», dado que o conceito moderno de inferno não existe no mundo antigo. Grande parte do nosso conceito atual remonta ao Zoroatrianismo, há cerca de 3500 anos. Algo que, uma vez mais, significa que o conceito já circulava há muito mais tempo do que aquele que conseguimos provar. A palavra «inferno» remonta ao latim clássico e a «inferus», que significava «que está em baixo». Optei por utilizá-la no livro de modo a simplificar as coisas para os leitores modernos e a transmitir os significados adequados, sem ter de explicar e apresentar a história de uma palavra muito antiga e estranha. Ainda que as pessoas deste período temporal tivessem utilizado outras palavras para tudo o que dizem e fazem, mantive a minha linguagem mais moderna para a tornar mais acessível ao meu público e para não atolar o leitor em lições de História constantes que o afastariam dos personagens e da história.

Aquilo em que acredito pessoalmente, tendo em conta os muitos anos de investigação, é que as pessoas são pessoas e sempre foram pessoas. Quanto mais as coisas mudam, mais ficam na mesma. Quando eu dava aulas sobre as sociedades antigas, era comum começar a aula com a citação que se segue da peça *As Nuvens* de Aristófanes (423 a.C.):

«No entanto, não foram decerto estes os princípios através dos quais o meu sistema de educação estimulou os homens que lutaram em Maratona. Mas é assim que se ensinam os homens de hoje, de tal modo que fico sem palavras quando na Panatenaia um indivíduo, segurando à sua frente um escudo, esquece Tritogenia, quando deveriam dançar. Por conseguinte, ó jovem, escolhe com confiança, a mim, à causa melhor, e aprenderás a odiar a Ágora, e a refrear-te de banhos, e a sentir vergonha do que é infame, e a sentires-te furioso se alguém te apupar, e a levantares-te do teu lugar quando os mais velhos se aproximam, e a não te portares mal em relação aos teus pais e a nada mais fazer que seja vil, pois deves formar na tua mente uma imagem de Modéstia: e não correr para a casa de uma dançarina, não vás, enquanto corres arquejante atrás destas coisas, sendo atingido por uma maçã lançada por um libertino, ter a tua reputação danificada: e em nada deves contradizer

o teu pai; nem chamando-lhe Jápeto, nem censurando-lhe os males da idade, pelos quais foste criado na infância.

No entanto, decerto irás passar o tempo no ginásio, lustroso e radiante; não a participar nos rudes gracejos do mercado, como os jovens dos nossos dias; nem arrastado para o tribunal para um processo mesquinho, ganancioso, chicaneiro, velhaco; antes descerás à Academia e farás corridas sob as oliveiras sagradas, na companhia de um modesto camarada, coroadado de juncos brancos, perfumado de teixo e despreocupada tranquilidade, de caduca faia-branca, regozijando-se na estação da primavera, quando o plátano sus-surra ao ulmeiro.

Se fizeres estas coisas que digo, e a elas aplicares a tua mente, terás sempre um peito forte, uma tez limpa, ombros amplos, uma língua pequena, grandes ancas, pouca indecência. Mas se praticares o que fazem os jovens dos nossos dias, terás, em primeiro lugar, uma tez pálida, ombros pequenos, um peito estreito, uma língua comprida, ancas pequenas, grande indecência, um longo *psephism*; e o enganador persuadir-te-á a considerar que tudo o que é vil é honrado, e que o que é honrado é vil; e para além disso, encher-te-á com a indecência de Antímaco.»

Podemos encontrar este discurso contra os jovens do seu tempo e a falta de respeito e decoro, repetidamente, desde que os seres humanos começaram a escrever estórias e histórias. De todas as minhas leituras das obras antigas, em todos os países e em muitas línguas antigas, aquilo que concluo sempre é que embora os nossos brinquedos, civilizações e leis mudem, o animal humano básico nunca muda. Enquanto uns podem lutar e esperar pelo melhor, outros não o fazem.

As pessoas serão sempre pessoas, e somos todos seres muito complicados, compostos pela adição dos nossos passados e emoções, e do que captam os nossos sentidos.

Em todos os livros, esforço-me por fazer jus aos personagens e por mostrar a complexidade da motivação e da emoção humanas. Mas mais do que isso, tento mostrar que, embora alguns cedam em situações mais difíceis, nem todos o fazem. E que a tragédia e o trauma que podem destruir uma pessoa também podem ser o que confere a outra a capacidade para se superar e construir um futuro melhor.

Não temos de nos tornar ou de continuar a ser as vítimas que a vida por vezes faz de nós. Com força e coragem suficientes, todos nós podemos superar-nos e aprender a prosperar apesar dos horrores e das tragédias a que sobrevivemos.

Nas palavras de Platão: «Sê gentil com todos os que conheceres, pois todos travamos uma batalha feroz.» Esse é o lema da minha vida e foi o que me ajudou a atravessar o meu próprio inferno e horas negras. Acredito na beleza e no poder do espírito humano porque sei o quão sofrida pode ser a batalha pela sanidade e pela segurança. E sei o quão difícil é deixar para trás um passado brutal que nunca deveria ter existido.

Todos os dias é uma nova batalha e, embora eu possa perder alguns desses combates, jamais perderei a minha guerra. Não podia controlar o passado ou alguns dos pesadelos que sobre mim foram lançados, mas posso controlar — e controlo — o meu presente e não permitirei que esses abutres roubem nem mais um momento da minha vida.

Todos temos momentos de fraqueza, mas com ela advém a força de saber que ainda aqui estamos. E ainda somos importantes.

Todos nós.

Dito isto, dedico este livro a todos os soldados do mundo, passados, presentes e futuros, que pegam em armas todos os dias e se erguem junto ao muro da sanidade e se recusam a deixá-lo cair sob os ataques violentos de quem nos gostaria de ver cair.

Somos todos sobreviventes e somos todos seres humanos maravilhosos.

«Os deuses fazem de todos nós reis, tolos e peões...
Cada um à sua vez, mas não em igual medida.»

— SAVITAR

Styx

PARTE 2

11 DE JANEIRO DE 9527 A.C.

Quase um ano depois

— **BET'ANYA...** tens de resolver uma aposta por nós.

Bethany fez uma pausa ao penetrar no grandioso salão de Katateros onde as estátuas dos principais deuses se alinhavam no gigantesco átrio redondo. O piso de mármore branco cintilava fortemente e exibia os símbolos dos relâmpagos de Archon no centro. Ia a caminho para relatar a Archon que ainda não tinha conseguido encontrar o rasto de Apostolos. Mas antes que conseguisse chegar às portas que se abriam para a sala do trono, os primos Teros e Phanen, deuses do medo e do pânico, impediram-na.

— Resolver o quê?

— Este é o teu emblema ou o de Ártemis?

Ela sentiu um aperto no coração quando lhe devolveram o colar que ela dera a Styxx há tanto tempo. Inicialmente, pensou que pertencesse a outro, mas não havia como confundir o feitiço que ela lhe lançara. Embora, por uma qualquer razão, estivesse extremamente enfraquecido, ela conseguia sentir parte dos poderes de proteção do pai.

— Onde arranjaram isto?

Teros cruzou os braços sobre o peito.

— Tu respondes primeiro.

Ela avançou, invadindo o seu espaço pessoal e fitou-os à vez.

— Onde é que arranjaram isto. — Não era uma pergunta. Era uma ordem.

Abrindo os olhos escuros, Phanen recuou um passo, afastando-se dela.

— Calma, prima. Foi uma recordação que trouxemos.

— De quem?

— De um prisioneiro de guerra — respondeu Teros por ele.

— Prisioneiro, o tanas. — Phanen fungou perante a explicação do irmão.

— Foi uma oferta de Apolo à Atlântida. Um tributo, por assim dizer.

Bethany agarrou Teros pelo pescoço e segurou-o com uma força que o fazia perceber exatamente e quão séria e furiosa estava. — Começa pelo início e fala-me do homem a quem tiraste isto.

— Porque...?

Bethany lançou-lhe um olhar mortífero.

— É melhor que as próximas palavras a deixarem a tua língua respondam à minha pergunta ou serão as últimas. E ambos sabemos que tenho os poderes para o fazer.

Teros engoliu em seco antes de lhe responder sem hesitação.

— Styxx de Didymos. Como um gesto de boa fé em relação a todos nós, Apolo entregou-o a Archon há cerca de um ano.

Be'anya sentiu a cabeça a andar à roda com aquela notícia. Não podia ser...

Tinha a certeza de que não era. Se Styxx estivesse no seu reino aqui ou na Atlântida, ela sabê-lo-ia.

Não saberia?

— Styxx está em Didymos — insistiu ela.

— Não... um dos espíritos de Apolo está em Didymos, fazendo-se passar pelo príncipe. O verdadeiro Styxx foi trazido para aqui no ano passado, quando estavas no Egito com o teu pai e a tua tia. Houve uma gigantesca celebração por causa disso. Estava atado como um ganso para um festival e foi largado completamente nu no centro do salão, aos pés de Archon.

Bethany recuou perante o horror e a dor que sentia por Styxx a invadir todo o seu ser. *Por favor, espero que estejam a mentir... por favor.* Fitou os irmãos que demonstravam uma satisfação maldosa e que a enervavam solenemente enquanto se riam de algo que ela não achava minimamente divertido.

— Como é que conseguiram o meu colar?

Teros deu uma palmada no peito de Phanen.

— Eu disse-te que era dela.

Phanen ignorou-o.

— Tirámo-lo a Styxx há duas noites, imediatamente antes de o conduzirem para a arena para mais um espetáculo. Mas ele lutou como um demónio para o manter. Quase tivemos de lhe arrancar o braço para conseguir ficar

com ele. Podias agradecer-nos por to devolvermos, sabes? — Ele apontou com o queixo na direção do amuleto. — E, já agora, como é que ele o conseguiu? Roubou-o a um dos teus soldados durante a guerra?

Ela ignorou a pergunta enquanto tentava tirar algum sentido daquilo que ele acabava de dizer.

— Arena?

Teros franziu o sobrolho.

— Foi a única coisa que ela percebeu?

Bethany agarrou-o pela *formesta* e puxou-o para mais perto.

— Que merda de arena?

Os irmãos trocaram uma expressão espantada perante aquela utilização de linguagem antes de Teros ter voltado a falar.

— No anfiteatro principal atlante. Três vezes por semana, exibem-no para jogos públicos e combates. Às vezes limitam-se a torturá-lo por desporto.

Sentindo-se doente, Bethany abandonou Katateros teletransportando-se para a arena principal da cidade capital. Tirou um instante para se disfarçar de serva *apollite* antes de entrar na área de detenção por baixo da arena principal. Os animais e os adereços dos espetáculos eram ali guardados. Bem como os prisioneiros que aguardavam as execuções públicas ou os jogos onde, por vezes, podiam ganhar a sua liberdade.

— Já recebeste a tua dose de carne?

Ela fez uma pausa ao ver dois enormes combatentes que avançavam na sua direção.

— Não, mas pude dar a merecida dose àquele gregozinho. Nem acredito que aquele merdas alguma vez liderou um exército.

— Se bem me lembro, liderou aquele exército que passou por cima do teu e o arrasou.

— Cala-te.

Bethany sentiu o estômago às voltas perante aquela crueldade, enquanto percorria o corredor de onde eles tinham vindo. Sabia de quem estavam a falar e isso cortava-a como mil facas. *Como pude abandoná-lo a isto?*

Só e desprotegido.

A toda a sua volta, os prisioneiros gritavam e imploravam misericórdia ou comida enquanto um guarda deitava conchas de água para tigelas tortas ou partidas, que depois empurrava através de pequenas aberturas na parte inferior das portas trancadas.

— Onde está Styxx de Didymos?

O guarda ergueu uma sobrancelha, cuspiu no chão aos seus pés, depois limpou a boca com as costas da mão e dirigiu-lhe um olhar especulativo.

— Essa informação tem um preço, e o preço depende daquilo que quiseres com ele.

— Falar com ele.

Ele riu-se.

— Ninguém *fala* com ele, rapariga. Não sou estúpido. Não posso deixar que o sangres. Ele tem um combate hoje e eu apostei dinheiro nele.

Bethany levantou-se na sua forma de deusa, erguendo-se sobre o pequeno fuinha.

— Onde está ele? — rosnou.

Ele encolheu-se de medo.

— Perdoai-me, deusa. Não me apercebi de que era um de vós que o queria de novo. Ele está ali. — Apontou para uma porta à direita.

Tirando-lhe o balde de água das mãos, ela dirigiu-se à porta e abriu-a. Mas o que encontrou no interior fê-la estacar, banhando de horror o seu coração.

Completamente nu e imundo a um nível desumano, Styxx estava acorrentado como um animal. Tinha uma espessa coleira de ferro em redor do pescoço, com uma enorme corrente a ela presa. A corrente ia até às algemas de ferro que lhe envolviam os pulsos e os tornozelos. As correntes partiam dele para um sistema de roldanas junto à porta, que determinava quanta liberdade lhe era permitida dentro da divisão. Ela estremeceu quando se recordou do quanto ele odiava estar preso fosse pelo que fosse.

Incluindo um frágil e leve lenço.

Todo o seu corpo estava coberto de sangue, sujidade, cortes e nódoas negras. As lágrimas sufocavam-na. O seu lindo cabelo louro estava oleoso e imundo e coberto de sangue e terra.

Styxx envolveu com a mão as correntes que o agarravam quando viu o seu mais recente «visitante» entrando na cela escura. Ainda sensível e a sangrar devido aos últimos dois, queria apenas alguns minutos para se deitar na escuridão e tentar esquecer aquilo que lhe haviam feito.

Mas aqueles sacanas gananciosos não lhe permitiam sequer um momento de paz.

Pelo menos esta era uma bela mulher loura que parecia não estar armada. Dado que as mulheres atlantes não tinham a força e a resistência dos seus homens, ele preferia as suas torturas. Normalmente contentavam-se em esbofeteá-lo ou arranhá-lo, ou em cuspir sobre ele. Só eram verdadeiramente perigosas quando estavam armadas.

Quando a porta se fechou atrás dela, ele saltou assumindo uma posição de fera agachada, de modo a poder observá-la e perceber que jogo vil desejava envolvê-lo. A sua cabeça redemoinhava de dor e fome. Abanando a cabeça, obrigou-se a manter-se concentrado e alerta.

Tinha de ser.

Bethany sentiu vontade de chorar quando aqueles lindos olhos azuis se fixaram nos dela. Por um instante, pensou que ia vomitar ao ver a insanidade dentro dele. Tinham-no reduzido a um animal raivoso. E o pior era saber que Epithymia o havia beijado, e, como tal, concedera-lhe agora uma atratividade verdadeiramente sobrenatural. Mesmo imundo, fazia acelerar o seu coração e o desejo trespassava-a. Não que não o tivesse sentido de qualquer maneira. Mas ela conhecia o toque doentio da prima.

— Styxx?

Ele rosnou-lhe, recuando, mergulhando ainda mais nas sombras.

Movendo-se lenta e calmamente, ela estendeu-lhe o balde de água. Ainda assim, ele recuou.

Bethany pousou-o ao seu alcance e, depois, dirigiu-se à porta.

Só então é que ele se aproximou... de quatro como um cão maltratado. Estava tão desconfiado e assustadiço, partia-lhe o coração. Ele manteve o seu olhar fixo nela, como se estivesse à espera de que ela o magoasse enquanto se ia aproximando lentamente do balde. Cheirou-o cuidadosamente, depois mergulhou os dedos na água para poder provar algumas gotas. Satisfeito de que não tinha sido contaminada, deixou escapar um longo suspiro. Os seus olhos azuis não se afastaram dos dela enquanto, com a mão em concha, bebia como se não bebesse há vários dias. Não havia qualquer refinamento enquanto bebia rápida e furiosamente.

Alguém tossiu no corredor.

Ele fugiu para longe do balde, recuando para o canto da cela, onde se agachou, pronto para combater.

Bethany fez aparecer um pão. Estendendo-lho, aproximou-se lentamente. Desta vez chegou suficientemente perto para ver os arranhões e os cortes irregulares no seu rosto. O sangue e a terra cobriam-lhe a barba. E tinha feridas profundas e feias, provocadas por armas, presas e garras nos braços, pernas, peito, abdómen e costas.

Por muito que o seu corpo tivesse estado marcado antes, não era nada quando comparado com o que via agora. Será que não lhe concediam qualquer armadura na arena?

Tendo em consideração o aspeto do seu corpo, combatia os seus adversários completamente nu...

— Não te vou magoar — disse ela suavemente. Arrancou um pedaço de pão para ele. — Toma.

A desconfiança no seu olhar dilacerou-lhe a consciência. Embora conseguisse ouvir o seu estômago a roncar de fome, ele recusava-se a aceitar o pão.

Quando ficou suficientemente perto dele para lhe tocar e ele atingira o limite das correntes, os olhos dele cintilaram de raiva.

— Está tudo bem. — Ela largou o pão e estendeu-lhe o colar para que ele o visse. — Quere-lo de volta?

Mal o seu olhar o fitou, uma lágrima solitária deslizou-lhe pelo rosto imundo e inchado.

E isso conseguiu arrancar um soluço a Bethany.

— Dá-me o teu braço e devolver-to-ei.

Styxx hesitou antes de obedecer e aproximou-se o suficiente para que ela conseguisse tocar apenas no seu pulso. Estendeu a mão direita repleta de cicatrizes, uma mão que ele ainda não conseguia abrir completamente devido ao ataque dos trácios quando o haviam prendido ao chão com um punhal.

Ignorando as cicatrizes, escaras e nódoas negras no seu antebraço, ela envolveu-lhe o pulso e prendeu-o.

Ele regressou, gatinhando, ao seu canto e sentou-se numa bola apertada, cobrindo o colar com a mão saudável, como se fosse um tesouro inestimável.

Desta feita, quando ela se aproximou dele, não se moveu. Deixou-se ficar sentado, rígido, a respiração irregular enquanto continuava a esfregar o colar com os dedos feridos.

— O que te fizeram eles? — sussurrou ela, estendendo uma mão para lhe afastar o cabelo do rosto agredido. Tendo em consideração o seu estado, a questão mais adequada talvez fosse o que é que *não* lhe haviam feito.

Ele fechou os olhos e ergueu os braços sobre a cabeça, como se estivesse à espera que ela o esbofeteasse ou arranhasse. E manteve a mão saudável a tapar o colar para o proteger.

E isso partiu-lhe ainda mais o coração. Desejando confortá-lo, deslizou o dedo pela linha do seu maxilar.

— Não. — O sussurro rouco dele surpreendeu-a.

— Não o quê?

Os olhos dele encheram-se de lágrimas, mas nenhuma caiu quando ele afastou o olhar.

A fúria dela aumentou. Não o iria ali deixar para ser tratado daquela

maneira. Levantando-se, fez explodir as correntes que o seguravam. Em vez de se sentir aliviado, ele correu para longe, em busca de algo que o pudesse proteger. De olhos loucos, percorreu a divisão com o olhar.

Aquilo só a enlouqueceu ainda mais. Por muito mal que Apolo se tivesse comportado, o seu próprio panteão traumatizara-o mais do que qualquer coisa imaginável.

Malditos fossem todos eles!

Estendeu a mão para Styxx.

— Não te vou magoar. Foi Bethany quem me enviou.

Por um momento, ele acalmou-se, depois abanou a cabeça quando a agonia voltou a encher o seu olhar.

— Estás a mentir.

— Juro que não. Pega na minha mão e levar-te-ei daqui.

Styxx já sabia o que o esperava. Só lhe era permitido sair para coisas deploráveis. Era preferível ser torturado e violado em privado do que na arena para que todos vissem e aplaudissem. Nunca nada de bom lhe acontecera fora daquele local. Claro que também nada de bom acontecia *lá dentro*.

Mas, pelo menos ali, deixavam-no, por vezes, a sós.

Ela estendeu a mão para ele.

Ele encolheu-se e olhou de relance para a porta que sabia estar trancada. Ou, pior, não estar, e se ele saísse para o corredor, atirá-lo-iam ao chão e prendê-lo-iam, depois arrastá-lo-iam para a arena, para combater até o serem espancado e castigado de novo.

— Toma a minha mão. Prometo que te levarei para longe disto.

Mas ele não era nem parvo nem ingénuo — eram duas coisas que lhe haviam arrancado à pancada há muito tempo.

— E irei para onde?

— Para onde possas sarar antes que te envie para casa.

Tretas. Ele jamais regressaria a casa, e, por esta altura, já não queria. Se o seu pai alguma vez descobrisse aquilo...

Não. Queria apenas que o matassem. E, no entanto, até isso era pedir uma misericórdia que deus algum estava disposto a conceder.

As lágrimas de Bethany aumentaram perante a desconfiança que via naqueles celestiais olhos azuis. *Como pude eu permitir que te fizessem isto? Como pude dizer que te amava e não me ter dado ao trabalho de verificar como estavas?*

A culpa trespassou-a.

— Podes confiar em mim.

Ele fungou perante tais palavras, como se elas lhe fossem amargas. Mas sem ter uma verdadeira escolha, pousou por fim a sua mão na dela.

Bethany levou-o para o seu templo em Katateros. Invocando uma *formesta*, envolveu com ela o seu corpo agredido e ferido.

Styxx susteve a respiração enquanto a deusa o incitava, lentamente, a segui-la até um átrio interior com uma enorme piscina no centro.

— Queres que te ajude a tomar banho?

Ele abanou a cabeça. Não queria que ninguém lhe tocasse.

— Muito bem. Regressarei com comida.

Ele sentiu um nó no estômago provocado pelo temor e a fome. Olhou de relance à sua volta, esperando que se tratasse de outro truque. Tinha de ser, de algum modo...

Mas aquela água fumegante tinha um aspeto tão convidativo. Já não se lembrava da última vez que tomara um banho a sério e não baldes de água gelada lançada sobre ele. Começou por afastar-se dela, mas a tentação de retirar parte daquela sujidade do corpo era demasiado grande.

Seja como for, vão dar cabo de mim. Pelo menos podia ter algum conforto antes do início da próxima ronda de violência. Lentamente e com grande prazer, avançou até às escadas que conduziam à nascente quente e fumegante.

Testou o degrau, esperando que este cedesse ou que algo se erguesse das águas para o atacar. Mas nada aconteceu. Inspirando fundo, tirou a *formesta* e entrou hesitantemente na piscina.

Mal tinha começado a relaxar quando a mulher regressou.

Styxx dirigiu-se à extremidade oposta da piscina e recuou até a conseguir manter na sua linha de visão e as costas e a mão contra os azulejos da piscina. Para prevenir.

Bethany pestanejou para afastar as lágrimas, ao ver a maneira como ele continuava a observá-la, como se esperasse um ataque. Pousou a bandeja com a comida não muito longe dele, depois foi buscar os acessórios de banho.

Quando regressou com eles, apercebeu-se de que a única coisa que ele tinha tirado para comer era uma maçã. Uma que esfregara e inspecionara muito cuidadosamente. Mordeu-a para a segurar enquanto mantinha uma mão na beira da piscina e a outra livre.

Ela destapou as latas para revelar os sabonetes, óleos e loções. Depois pegou na lâmina e no espelho e deixou-os à sua disposição. Recuou e foi-se sentar na sua cadeira branca.

Só então ele continuou a comer a maçã. Durante todo aquele tempo,

o seu olhar só a abandonava para poder vasculhar as sombras de tempos a tempos.

Quando terminou aquela maçã, pousou o caroço na bandeja e pegou na lâmina.

Fascinada, Bethany viu enquanto ele se barbeava sem utilizar o espelho. Nunca vira um homem fazer aquilo. Mas enquanto se limpava, ele foi revelando as provas do que lhe havia sido feito. Cicatrizes frescas, nódoas negras e ferimentos em locais que a faziam desejar caçar aqueles que o haviam magoado e fazê-los pagar por isso.

Fez aparecer uma toalha e roupas limpas.

Quando avançou na sua direção, ele saiu disparado para o lado oposto da piscina.

— É apenas uma toalha, umas calças e uma *formesta*. — Pousou-as e afastou-se de novo.

Só então é que ele deixou a piscina.

Enquanto se vestia, Bethany desviou o olhar das suas costas, que eram um caos ensanguentado magoado de ferimentos e cicatrizes frescas. Aqueles sacanas. Como o tinham podido torturar assim?

Quando ela voltou a olhar para ele, Styxx fitava com o sobrolho franzido o emblema dela na parte de trás da *formesta*.

— O que se passa?

— És tu? — perguntou ele com os dentes cerrados.

— Sim.

A raiva e o pânico escureceram-lhe os olhos, quando ele pousou a *formesta* e procurou um lugar para fugir.

— Está tudo bem.

A respiração dele tornou-se mais rápida.

— Tu odeias-me. Tentaste matar-me repetidamente. Puseste um prémio sobre a minha cabeça.

— Não... quer dizer, sim. Mas não.

Aquilo deixou-o ainda mais confuso.

— É o mesmo emblema do teu colar, aquele que Bethany te deu. Olha para ele.

Ele fê-lo e o franzir de sobrolho regressou.

— Sou a sua deusa patrona. Não sabia que eras o seu Hector. Tivesse eu sabido, jamais te tentaria magoar. Juro-to, Styxx.

As lágrimas encheram-lhe os olhos, enquanto acariciava o colar.

— Sabes como ela está? Está bem?

— Está.

Engolindo em seco, ele largou o colar e pegou na *formesta*. Os seus movimentos estavam lentos e repletos de dor que lhe apertaram o coração. Aquele não era o gracioso guerreiro e amante que ela conhecera. Aquilo era alguém que tinha sido espancado até à beira da morte e mantido como um animal durante demasiado tempo.

— Queres comer mais alguma coisa?

O olhar faminto dele fez o estômago dela revoltar-se com uma dor de simpatia. Mas Styxx abanou a cabeça.

Então ela percebeu porquê.

— Não está drogada. — Levantando-se, aproximou-se e comeu um pouco de comida. Em seguida serviu o vinho e provou-o.

Ainda assim, ele não aceitou.

— O que se passa? — perguntou ela.

— Já caí por esse truque. Terás de pensar num novo. — Foi só então que ela se apercebeu de que ele tinha ainda a lâmina na mão enquanto a observava, desconfiado, como se esperasse que ela se virasse contra ele. — Também me vais violar?

Ela estremeceu perante tal pergunta.

— Não.

Os olhos se Styxx acusavam-na de traição e mentira. Mas o pior era a agonia e a exaustão que ela via nas profundezas do seu olhar cristalino, enquanto ele continuava a perscrutar as sombras.

— Não sou estúpido. Sei que não me trouxeste para aqui e me limpaste para seres simpática. Onde estão os outros?

— Não há outros.

— Não me mintas — rosnou ele. — Vocês só me limpam quando me vão passar de uns para os outros. Prefiro que se despachem do que finjam ser simpáticos. — O olhar dele virou-se para as sombras. — Estão Archon ou Asteros à espreita? Ydor?

Ela estremeceu perante a confirmação de que a sua família era tão depravada quanto os gregos. — Não há truques nem traições, Styxx. Juro.

Mas ele não ia acreditar e, sinceramente, ela não podia culpá-lo. Tinha sido abandonado pela sua família. Pelos seus deuses.

E por ela.

Naquele momento ele precisava de descansar. E, no entanto, ela sabia que ele não relaxaria depois do que lhe havia sido feito. Como poderia? Tinham-no sujeitado a horrores que pessoa alguma deveria sofrer.

E ela não o podia enviar para casa enquanto não descobrisse o que Apolo estava a fazer em Didymos. Como estava a conseguir manter a detenção de Styxx um segredo da sua família negligente.

Por isso, ela utilizou os seus poderes para o embalar até ele *ficar* drogado.

— Pousa a lâmina, Styxx.

Ele hesitou antes de obedecer.

— Toma a minha mão.

Mais uma vez ele tentou lutar contra ela, mas não conseguiu. No final, pousou a mão na dela enquanto Bethany o puxava para o quarto. Embora ele não conseguisse resistir a lutar contra os seus desejos, ela sentiu o seu pânico enquanto ele temia as suas intenções. Ela tirou-lhe a *formesta* dos ombros e deitou-o na cama.

Inclinou-se sobre ele e beijou-lhe o rosto ferido.

— Dorme em paz, príncipe. Ninguém te irá magoar.

Com a respiração entrecortada, ele lutou contra a sensação, mas no final os seus olhos pestanejaram e fecharam-se, e ele por fim relaxou. Enquanto dormia, ela ouviu o seu estômago a roncar de fome.

Lágrimas silenciosas correram-lhe pelo rosto enquanto deslizava a mão pelas novas cicatrizes no seu peito e nos braços; pelas marcas das mãos, dos cortes e dos hematomas, uns frescos e outros a sarar, que atentavam o pesadelo a que ele fora sujeito.

Sozinho.

Que Apolo o tivesse entregado aos seus inimigos, que desejavam vingar-se não só dele, mas de todo o seu povo...

O que teria levado o maldito sacana a fazer algo tão frio?

No final de contas, ela culpava-se por tudo aquilo. Tinha-o deixado e continuado com a sua vida.

Isso não era completamente verdade. Sentira a sua falta todos os minutos de todos os dias, e fora por isso que não o procurara. Tivera demasiado medo de o voltar a ver. Porque no seu coração sabia que, se o voltasse a ver, não o conseguiria deixar só.

E tinha razão.

Aquele fora o ano mais difícil da sua vida. Todos os dias acordava pensando que seria mais fácil e, em vez disso, tinha sido mais difícil. Saber que ele estava algures e que não podia ir ter com ele...

Fora um verdadeiro inferno.

Contra o seu bom senso, enfiou-se na cama e aninhou-se contra o único homem que alguma vez amara. E com cada vislumbre dos seus ferimentos, odiou-se por ter permitido que aquilo lhe acontecesse.

Ele jamais a teria abandonado a um tal destino. Jamais teria saído da sua vida por uma qualquer razão...

Ela era uma deusa. Sabia o quão só ele estava, e o que fizera ela?

Deixara-o desprotegido num mundo que o odiava.

— Lamento muito, Styxx. — Mas isso nada mudava em relação aos horrores que ele sofrera e aos quais sobrevivera devido à sua cruel negligência. — Vou corrigir isto, custe o que custar. — Contudo, não fazia ideia como. Apolo ficaria furioso quando descobrisse que ela se apoderara de Styxx. Tecnicamente, ele ainda o possuía.

E saber que o seu próprio panteão tinha participado nos abusos infligidos a Styxx...

Que haviam permitido que ali estivesse detido e que fosse torturado para a sua diversão...

Era o suficiente para que ela se aliasse a Apollymi. *Malditos sejam vocês por isto!* Como é que podiam ser tão incrivelmente insensíveis?

Uma coisa era certa, não tinha a menor intenção de os ajudar na sua caça a Apostolos. Por ela, podiam arder todos.

Mereciam-no pelo que haviam feito ao homem decente cujo único crime fora combater pelo seu próprio povo numa guerra que o dela havia começado.

Bethany envolveu-o com os seus braços, desejando poder apagar tudo da sua memória. Mas não tinha tais poderes.

E, pela primeira vez num ano, sentiu-se finalmente feliz enquanto o seu odor almiscarado e masculino e o calor do seu corpo, longo e duro, a embalava. Tudo o que queria era estar perto dele, dizer aquilo que costumava dizer sempre que tinham uma separação longa: *«Senti a tua falta com cada bater do meu coração.»*

O mais provável era que ele nunca mais lho dissesse. E quem o poderia culpar? Ela traía-o da pior maneira possível.

Serias tu capaz de perdoar isto?

Não, ela não conseguiria. De modo nenhum.

Era inaceitável e cruel. Fechando os olhos, segurou na cabeça dele e pôs a mão sobre a ferida horrível no seu pescoço.

— Ninguém te voltará a magoar, *akribos*. Não o permitirei. Prometo.

STYXX inspirou fundo e suspirou. *Devo estar a sonhar.* Embora continuasse com fome, sentia-se demasiado quente e confortável. Mais do que

isso, sentia curvas suaves contra o seu corpo e o doce cheiro a eucaliptos e lírios por que ansiava mais do que tudo.

As lágrimas por derramar apertavam-lhe a garganta enquanto ele esperava que tudo aquilo se dissipasse, e o abandonasse de novo no seu buraco imundo, acorrentado à parede.

Esse fora o seu pensamento até o corpo ao seu lado se ter virado e um joelho lhe ter acertado na virilha.

Silvando de dor, ele abriu os olhos e deparou-se com um olhar de um verde-dourado que espelhava o seu próprio choque. Por um minuto, não se conseguiu mover enquanto esperava que ela desaparecesse.

— Beth?

Bethany ficou gelada pelo desejo angustiado que a queimou. Ela devia ter adormecido ao lado de Styxx... o que lhe havia devolvido a sua verdadeira aparência.

E como estavam no templo, ela tinha a sua visão.

Devia partir. Mas não podia. Aqueles olhos azuis mantinham-na imóvel.

— Olá — sussurrou ela.

Ele fitou-a como se ela fosse a derradeira delícia do planeta e ele não comesse há mais de um ano. Antes que ela se conseguisse mexer, ele baixou lentamente os seus lábios para os dela.

Bethany gemeu com a sensação maravilhosa. Ele fê-la rolar de costas, aprofundando o beijo e fazendo a cabeça dela redemoinhar. Ele sempre fora fenomenal a beijar, mas aquele beijo...

Fez com que todos os seus beijos anteriores parecessem castos.

Styxx fechou os olhos enquanto a sua língua dançava com a dela e a fragrância dela lhe enchia a cabeça até ele se sentir inebriado. *Tu sabes que isto não é real. É um truque...*

Mas ele conhecia o seu gosto. O seu cheiro. A maneira como ela o abraçava. Como poderia aquilo ser um truque? Styxx enterrou o rosto na curva do pescoço de Bethany e deixou que o horror do último ano se desvanecesse. Ela sabia tão bem nos seus braços. E quando ela lhe tocou, ele estremeceu.

— Tive saudades tuas — sussurrou-lhe ela ao ouvido.

— Com cada batida do meu coração — sussurrou-lhe em resposta.

Bethany refreou um soluço, enquanto ele deslizava o corpo comprido contra o dela. Baixou a cabeça para lhe chupar um seio. Tomando-lhe a cabeça nas mãos, enterrou os dedos por entre os cabelos dela, macios e dourados.

— Por favor, sê real. — Aquela súplica rouca trespassou-a.

A culpa apunhalou-a com tanta força que ela não era capaz de respirar.

— Sou real.

Ele pousou a cabeça no estômago dela e tomou-a nos braços. As lágrimas quentes e silenciosas dele queimaram-na enquanto as sentia a cair sobre a pele. Styxx agarrou-se a Bethany como se ela fosse a sua boia de salvação. Como se ela fosse inenarravelmente preciosa.

Depois estendeu o braço e tomou-lhe a mão na sua e pressionou-a contra o rosto. A expressão do seu rosto, enquanto saboreava o toque dela partiu-lhe o coração.

Até ele a ter largado e recuado.

— Mata-me de uma vez... por favor.

— Styxx...

— Não és a minha Beth — rosnou ferozmente.

Uma nova lágrima correu-lhe pelo rosto. Lançando a cabeça para trás, rugiu de dor.

— Querias-me quebrado, sacana! Ótimo! Eu submeto-me! — gritou, depois baixou a voz para um sussurro. — Eu sujeito-me. — A dor no seu rosto, ao fitá-la, dilacerou-a. — Por favor, não me faças isto. Prefiro ser espancado ou violado do que usarem a minha Beth contra mim. — Ele estendeu a mão para ela, depois fechou-a num punho cerrado.

Abandonando a cama, deixou-se cair no chão e enroscou-se numa bola. Cobrindo a cabeça com os braços.

Ela ajoelhou-se ao seu lado e tocou-lhe com a mão no cabelo.

— Styxx... sou eu.

Ele recusou-se a olhar para ela.

— Não. A minha Beth não me chama Styxx... Ela não me odeia. — Envolveu o colar dela com a mão e soluçou como se o seu coração estivesse tão partido como o dela. — Por favor, não manches a única coisa boa que alguma vez conheci. Farei tudo o que pedires. Mas não manches a memória dela. É tudo o que tenho.

— Está bem. — Ela beijou-lhe a cabeça, depois afastou-se. — Descansa, regressarei mais tarde.

Ele deslizou pelo chão, esgueirando-se para um canto como um cão maltratado.

Bethany ergueu-se lentamente, enquanto a sua fúria triplicava. Na sua mente, via-o como ele fora. Orgulhoso. Feroz. Desafiante.

Protetor.

E agora completamente destruído.

A culpa é minha. Tudo aquilo. Ela sabia como ele estava isolado. O quanto

exposto estava para abandonar tudo o que tinha, até o trono, para estar com ela, uma pobre camponesa cega.

E, no entanto, pela família *dela*, pelo povo dela, deixara-o ir. Tinha-os colocado a todos à frente dele e como é que eles lhe tinham agradecido?

Tinham violado e destruído a única coisa que ela alguma vez amara. Tinham-no dilacerado e rido enquanto o faziam.

A raiva escureceu-lhe a visão quando se dirigiu a Archon. Ele estava sozinho no seu próprio templo, utilizando uma *sfora* enquanto tentava encontrar a criança que ela desejava que o matasse.

Obrigando-se a parecer calma, aproximou-se lentamente dele.

— Sabias que o príncipe Styxx está em Aeryn?

— Hã? — Ele não estava a prestar-lhe atenção. — O que é que disseste?

— Perguntei-te se tinhas a noção de que o príncipe Styxx era prisioneiro da rainha atlante.

Archon fungou com ironia.

— Tens estado debaixo de alguma pedra? Ele já é a atração principal há meses.

— Não estive debaixo de uma pedra. Estive à procura do filho de Apollymi. — Na verdade, estivera a fazer tudo o que podia para se manter longe da Atlântida e não pensar em todas as vezes que tentara matar Styxx quando ele invadira a sua terra natal. Graças aos poderes do pai que não tinha cometido o pior erro da sua vida.

Archon finalmente fitou-a com toda a sua atenção.

— Infelizmente, já não é tão vigoroso como quando o trouxeram até aqui, mas, se quiseres a tua vez, ainda se conseguem dar umas boas gargalhadas.

Ela sentiu o estômago apertar-se perante aquelas palavras rudes.

— O que é que lhe têm feito?

Archon sentou-se, enquanto pensava nisso.

— Apolo tinha andado a passá-lo no Olimpo, até Atena ter descoberto e lhe ter posto fim. Depois, trouxeram-no até aqui para nos divertirmos.

Aquelas palavras atingiram-na como um golpe.

— Que tipo de divertimento?

— O que achas que lhe fizemos? Ele conduziu um exército para o coração da nossa nação e chacinou os nossos cidadãos e membros mortais das nossas famílias. Não podíamos deixá-lo escapar incólume. Quando nos aborrecemos com ele, lançámo-lo à rainha como um presente de Apolo, e ela mandou colocá-lo na arena para combates e outros eventos muitíssimo criativos para

que o seu povo e os seus soldados pudessem descarregar os seus sentimentos contra ele e os outros gregos.

— E em Didymos ninguém deu pela sua ausência?

— Não. Apolo tratou de tudo.

Será que ela queria saber mais do que o Sr. Contente e o Sr. Feliz lhe tinham contado?

— Tratou disso como?

Archon encolheu os ombros.

— Não sei. Não quero saber. Porquê o interrogatório em relação a ele?

— Até hoje, não sabia que ele estava aqui.

— Ah. Bem, se tiveres essa oportunidade, talvez gostasses de assistir ao combate desta tarde. Mesmo destruído como está, consegue aguentar os seus atacantes até lhe lançarem uma armadilha, ou libertarem os cães ou os gatos para o derrubarem. É muito mais divertido de observar quando sabemos que ele não pode ganhar, independentemente daquilo que faça. Ainda assim, tenta ganhar. É tão estranho, na verdade. Os humanos e os *apollite* também fazem apostas para ver quanto tempo é que ele irá durar. Depois, no final, deixam que a multidão determine o castigo pelos seus crimes.

— E como é ele castigado?

— Ou é sentenciado a ser espancado ou cerimonialmente violado para divertimento da multidão.

A respiração dela abandonou-lhe os pulmões. Violentamente. Precisou de recorrer a toda a sua força de vontade para não atacar Archon.

— E achas isto aceitável para o homem que recusou magoar o nosso povo e os nossos inocentes? Aquele que utilizou as suas próprias tropas para garantir que os atlantes não eram violados enquanto os gregos combatiam aqui?

Ele encolheu os ombros despreocupadamente.

— É o nosso povo que decide os seus castigos. Não eu. Eu não vou interferir com o seu divertimento depois do horror a que os sujeitou.

— E quanto tempo achas que deverá durar este castigo?

— Fala com a sua proprietária. Uma vez mais, não vou interferir por causa de um merdas grego que não me diz nada.

Mas diz-me a mim...

Bethany contou até dez e obrigou-se a partir antes de ceder ao impulso para rebentar com Archon onde ele estava.

Em vez disso, viajou até Didymos para ver o que havia acontecido

durante o ano da sua imensa estupidez. Como poderia Styxx ter estado ausente durante um ano sem que ninguém se apercebesse?

Sim, estava a violar todo o tipo de pactos, tratados e estatuto, mas por aquela altura já não queria saber. Estava demasiado desejosa de sangue...

Bethany avançou em direção ao palácio, depois parou. Seria Galen o único a sentir a falta dele. Decerto, se alguém sabia que Styxx havia partido, seria o seu único amigo e mentor. Dirigiu-se à caserna, onde encontrou o velho nos seus aposentos.

Assumindo o disfarce de um soldado didymosiano, entrou.

— Onde está o príncipe Styxx?

Galen suspirou, cansado.

— Não sei. Já não o vejo há *muito* tempo.

Ela utilizou os seus poderes para o obrigar a dizer o que lhe ia no espírito.

— Sente-se bem, Mestre Galen?

— Na verdade, não, mas não é comigo que estou preocupado. O príncipe não tem estado bem desde que a sua mulher o deixou.

— Como assim?

Galen suspirou pesadamente.

— Eu sei que a guerra frequentemente muda as pessoas, e perder alguém que se ama... mas já não é o mesmo rapaz que eu treinei. É quase como se tivesse sido possuído por alguma coisa. Como se um demónio houvesse assumido o controlo do seu corpo. Mas não digas nada. Não quero que o enviem de volta ao templo de Dionísio. Não depois do que lhe fizeram da última vez.

Nesse momento, ela soube exatamente o que Apolo havia feito. Só não sabia porquê. Com a raiva a crescer, deixou Galen e dirigiu-se ao palácio onde encontrou «Styxx» a rir-se com um membro do Senado. «Ele» sentiu os seus poderes de deusa estrangeira de imediato e virou para ela toda a sua atenção.

Bethany chamou-o enrolando um dedo.

O «príncipe» pediu licença e juntou-se a ela no corredor. Mal ficaram longe dos olhares dos outros, Bethany virou-se para Poena — o espírito grego da vingança — e atirou com a *daemon* do Olimpo contra a parede.

— Porque te estás a fazer passar pelo príncipe?

Poena encolheu os ombros.

— Apolo disse-me que o fizesse enquanto o príncipe estava a ser castigado.

— Por?

— Húbris.

Húbris? A sério? Para os deuses gregos, esse era o maior pecado que um mortal poderia cometer, e ela não conseguia imaginar Styxx, humilde como era, a pensar em si mesmo como um deus ou alguém acima dele.

— Contra quem?

— Presumo que Apolo, dado que foi ele que me chamou.

A cada palavra pronunciada, a raiva de Bethany triplicava.

— E onde está Apolo?

Poena encolheu os ombros.

Bethany agarrou-a pelo pescoço e atirou com ela contra a parede uma vez mais.

— Vai buscá-lo. Estarei à espera no seu templo aqui na cidade. E se dás valor à tua existência, não fingirás ser Styxx nem mais um dia.

— Desculpa?

— Oh, cabra, por favor, dá-me uma desculpa. Neste momento, estou pronta para chamar aqui todos os deuses do Olimpo e todos os Titãs, e dar uma tarefa egípcia a todos vocês. Ou, melhor ainda, como achas que os gregos iriam reagir se eu lhes contasse que os seus deuses permitiram alegremente que um dos seus amados heróis fosse tão erradamente castigado durante um ano inteiro pelos seus inimigos? Quantas conversões achas que isso merecerá ao vosso panteão?

— Não te atreverias.

— A sério, não me provoques. Vai buscar o teu senhor e despacha-te. — Bethany teleportou-se diretamente para o tempo de Apolo... o que poderia ser visto como um ato de guerra.

Uma guerra que estava desejosa de começar, mesmo que tivesse de a travar sozinha.

Enojada, percorreu a área aberta e fungou ao ver o altar onde as pessoas haviam feito ofertas a Apolo por uma benevolência que o sacana miserável não tinha de todo.

— O que estás a fazer aqui?

Bethany virou-se para o enfrentar.

— Ainda bem que não me deixaste à espera.

Apolo lançou-lhe um olhar furioso.

— Devias ter-te encontrado comigo na Atlântida. Não aqui.

— Se eu lamentasse, pediria desculpa. Sendo assim, não passa de uma visita de cortesia para te fazer saber que libertei Styxx daquele buraco infernal.

Apolo abanou a cabeça.

— Não podes fazer isso. Ele não te pertence.

— Tanto quanto sei, entregaste-o.

— Não o entreguei *a ti*.
— Lançaste-o para os meus irmãos para que o atormentassem — recordou-lhe. — É-me permitido ficar com ele depois disso.
— Não a menos que queiras uma guerra.
— A sério? — Dirigiu um olhar feroz a Apolo. — Irias começar uma guerra por causa de um mortal?
— Porque não? Já as comecei por muito menos. Além disso, ele ainda não aprendeu a sua lição.
— E que lição é essa?
Os olhos de Apolo brilharam de raiva.
— Curvar-se perante os seus deuses e mostrar-nos o devido respeito. Ela riu-se amargamente.
— És louco? Quase o mataste. Ele já quase não é humano depois daquilo a que o sujeitaste.
Apolo não tinha remorso algum.
— E depois?
— Ele é um príncipe, Apolo. Um herdeiro. Um dos teus.
— E tanto ele como o seu irmão cometeram húbris contra nós.
Ela franziu o sobrolho perante algo que Styxx nunca lhe referira. Nunca.
— Irmão?
— Sim. O prostituto que dorme com a *minha* irmã.
— E tu dormes com a deles. Qual é o problema?
Apolo lançou uma explosão de poder através da divisão. Uma tão violenta, que fez esvoaçar o cabelo dela.
— O problema — rosnou ele. — São prostitutas treinados!
— Então liberta a tua raiva sobre o irmão — disse ela por entre os dentes cerrados.
— Oh, acredita em mim, *já o fiz*. Mas ainda não estou satisfeito. Não pelos crimes que Acheron cometeu contra mim.
— Enquanto te divertes com a vingança contra o seu irmão, deixa Styxx partir.
Apolo revirou o lábio.
— Isto não te diz respeito. E porque é que estás aqui? Disseste-me, quando fizemos este acordo, que não querias saber o que fazia com Styxx.
E aquelas palavras trespassaram-na como vidro partido. Tinha sido estúpida e imprudente.
Infelizmente, não podia dizer a verdade a Apolo ou ele utilizaria Styxx contra *ela*. Algo que pressagiaria coisas muito piores para Styxx.

Por isso, contentou-se com uma razão menor.

— Isso foi antes de o teres trazido para as nossas costas. Agora é um assunto meu. Sou a deusa da vingança e sei quando alguém merece ser castigado. Ele comportou-se de forma honrada perante o meu povo. Não permitirei que seja violentado em solo atlante.

— Como queiras, manda-o para casa. Aviltá-lo-ei aqui.

Oh, sim, era mesmo isso que ela queria...

Nem um pouco.

Bethany sentiu vontade de praguejar perante a armadilha na qual tropeçara. Mas não podia permitir que Styxx continuasse a ser magoado. Não depois daquilo.

— Quero que o deixes em paz.

— Aquilo que faço na Grécia não *te* diz respeito.

— E aquilo que eu faço com os teus *apollite* na Atlântida não te diz a ti... oh, e essa lista inclui os *apollite* que estão na Grécia... como o teu filho, Strykerius, e os filhos dele.

A cor desapareceu do rosto dele.

— Não te atreverias.

— Por favor, nem experimentes.

Apolo rosnou-lhe.

— Styxx continua a ser propriedade minha.

— E eu quero que tu o libertes.

— Não.

— Não? — perguntou ela, incrédula.

— Ele desafiou-me por três vezes. Ostensivamente e sem remorsos. Não permitirei que um humano o faça mais do que tu o tolerarias. Disse-lhe, quando começámos isto, que não pararia enquanto ele não me suplicasse que o fizesse. Algo que não fez. Ainda há três dias, riu-se na minha cara e recusou-se a ceder. Disse-me que se estava a divertir e que não fazia tenções de me implorar o que quer que fosse, e por isso deixo que se divirta à vontade. — Apolo fitava-a, como se tivesse sido ela a rir-se dele. — Não pararei enquanto ele não me suplicar como um humano pútrido o deveria fazer!

Bethany rosnou perante a obstinação de ambos. Suplicar não estava na natureza de Styxx, e não deveria estar. Ele era um príncipe e um herói...

— Não o castigaste já o suficiente?

— Ele disse-me que fizesse o pior com ele. Só lhe estou a dar aquilo que pediu.

Nesse momento, quis sufocar Styxx pessoalmente por ser tão teimoso. Mas o seu desafio e a sua força eram parte daquilo que mais amava nele.

Só não naquele dia. Naquele dia queria matá-los a ambos, Apolo e Styxx. Ela fitou o deus grego, que a irritava solenemente.

— És um verdadeiro idiota.

— E tu não és? Diz-me, Bet'anya, quando é que sentiste piedade de alguém que o teu panteão te tivesse enviado para castigar?

— Para tua informação, já senti. Não sigo cegamente os ditames de ninguém.

— Que bom para ti, e isso não muda nada. Eu marquei-o e ele permanece marcado.

— Ótimo. Agora considera o teu filho e os teus netos marcados... *Por mim*. — Ela virou-se para regressar a casa.

— O quê?! — rosnou Apolo.

Ela sorriu-lhe.

— Quando estiveres pronto para trocar, diz-me.

— Tem cuidado com o que pões em movimento, rapariga.

— És tu quem tem de ter cuidado, *rapaz*. — Atravessou a distância que os separava, para que ele pudesse ver claramente a seriedade com que ela encarava aquela questão. — E lembra-te de quem é o meu pai. Tu alegas que Isis é a tua mãe. Eu sei que não é assim. Set é o meu pai, incontestado, e ao contrário do teu panteão de franganotes, ele *já* matou e mutilou deuses. Eu não só herdei os seus poderes, como sou a menina que ele adora. A sua *única* filha. Quando eu nasci e Archon se recusou a dar-lhe acesso a mim, ele entrou em guerra contra os Atlantes sozinho e deu-lhes uma tarefa até o próprio Archon ter concordado em permitir que o meu pai tivesse direitos de visita plenos sempre que o desejasse. E embora eu não tenha por hábito ir a correr ter com o meu papá para resolver os meus problemas, fá-lo-ei por isto. Será que estás pronto para *isso*, grego?

A luz nos olhos de Apolo dizia que ele a queria fazer atravessar uma parede.

— Como queiras, quere-lo liberto? Obriga-o a pôr-se de joelhos e a implorar-me que o faça. Só então o concederei.

— Jura-mo.

— Juro pelo rio Estige que se ele se puser de joelhos e me implorar perdão, renunciarei à minha posse sobre ele.

Ela inclinou a cabeça para ele, depois partiu, regressando às casernas

onde Galen se dedicava a afiar a sua espada. Desta feita, envergava o disfarce de Atena.

Ele desceu imediatamente sobre um joelho.

— Minha senhora.

Odiando ter de o enganar, Bethany pegou-lhe na mão e ergueu-o.

— Há alguém que ambos amamos que necessita de nós, Galen.

— Styxx?

Ela acenou com a cabeça.

— O homem que aqui viste durante o último ano não era ele. Mas um impostor enviado pelos deuses para gerar o caos na sua vida.

— Eu sabia... Eu sabia que o meu príncipe não seria tão rude, nem insensível. — As suas narinas abriram-se. — Apolo, sacana.

— Já sabes?

— Desconfiava. Ele persegue o príncipe desde o dia em que Styxx matou o seu neto na guerra.

— E a sua vingança sobre ele tem sido terrível. Dado que Styxx não tem estado em casa e mais ninguém senão nós os três o sabe, não quero colocá-lo de imediato no palácio. Ele precisa de estar algures com alguém em quem eu possa confiar que o ajude a ajustar-se de novo à liberdade. E necessita de tempo para sarar fisicamente do que lhe foi feito.

— Faria qualquer coisa pelo meu príncipe.

Grata ao idoso, ela inclinou a cabeça para ele.

— Trá-lo-ei aqui amanhã, mas aviso-te, ele mudou muito.

— Obrigado, minha deusa.

Tocando-lhe no braço, ela partiu para regressar ao templo.

Quando avançou para o quarto, viu o seu reflexo no mármore negro das paredes. Styxx não lidara muito bem com o facto de a ter visto como Bethany, e a última coisa que queria era magoá-lo de novo. Engolindo em seco, mudou de forma assumindo a da loura *apollite*. Depois abriu a porta.

Primeiro, não o viu. Só quando se apercebeu de que a porta para a varanda estava aberta é que soube para onde ele tinha ido.

Abriu mais a porta e viu-o sentado a um canto, com as pernas puxadas contra o peito e os braços a envolvê-las. Parecendo mais vulnerável do que ela alguma vez o vira, fitava o vale, e estava tão imóvel que parecia mais uma estátua do que um feroz príncipe guerreiro.

— Styxx?

Ele nada disse, mas olhou de relance para ela. Ela aproximou-se dele lentamente.

Sem se mover, ele observou-a, desconfiado.

— Em teu nome, fiz um acordo com Apolo para que fosses libertado. — Ela ajoelhou-se ao seu lado. — Ele quer que o supliques. De joelhos. Serás capaz de o fazer?

Ele fungou amargamente, como se não acreditasse de todo.

— Claro. Porque não? De que importa agora?

Ela estendeu a mão para a passar pelo seu cabelo.

Ele agarrou-lhe a mão e impediu que ela lhe tocasse. O desprezo por si próprio e a vergonha nos seus olhos queimaram-na até às profundezas da sua alma.

— E o que te devo pelos teus serviços, deusa? Também queres ter relações comigo? Em público ou em privado? Ou será que preferes que pague em sangue? Eu oferecer-te-ia a minha alma, mas já está condenada.

Não era nada disso que ela queria. Não era de nada disso que ela sentia a falta.

— E se fosse o teu coração?

Ele baixou os olhos para o colar que lhe envolvia o pulso e estremeceu.

— Já o dei há muito, e foi esmagado e partido. Nada tenho para te oferecer.

— Dar-me-ias a tua amizade?

Styxx pestanejou lentamente antes de afastar o olhar.

— Não compreendo essa palavra.

— De todo?

Ele abanou a cabeça.

— Fala-me dessa mulher que tem o teu coração. Será que a poderias perdoar por te ter magoado?

— Não importa.

Isso não era verdade. Era muitíssimo importante para ela.

— Porquê?

Ele retirou-se para dentro de si mesmo.

Bethany queria tocar-lhe, mas sabia que ele não o receberia de bom grado. Não da maneira como todos o haviam usado.

— Não me vais responder?

— O que queres que diga, *akra*?

Ela estremeceu perante o termo atlante que significava «senhora e mestre». Era o termo que os escravos usavam para os seus senhores.

— Não passo de um prostituto e de um cão. Não sou importante para ninguém e não tenho sentimentos. — O seu tom sem emoções trespassou-lhe o coração.

És importante para mim...

O olhar dela desceu para as cicatrizes que lhe marcavam todo o corpo. Para as marcas de ferros que traçavam linhas do seu flanco esquerdo, da axila à coxa. Depois olhou de relance para a marca entrecortada sobre o coração dele que ela costumava fazer sempre questão de beijar. A marca da punhalada que a mãe lhe dera quando ele lhe levava um presente de aniversário.

Quantas vezes lhe dissera ela que jamais o magoaria e, no entanto, tinha provocado tantos ou mais danos do que eles. Tinha-lhe virado as costas e havia-o abandonado quando sabia que ele não tinha mais ninguém que o amasse e confortasse.

Não tenho o direito de pedir o teu perdão.

Tinha sido demasiado descuidada com o mais precioso dos presentes. O coração dele.

Uma lágrima correu-lhe pelo rosto, quando ela se recordou da primeira vez em que ele lhe dissera que a amava.

Sentada junto ao riacho, estava encostada a ele, no círculo dos seus braços. Ele tomara-lhe a mão e desenhara a forma de um coração egípcio no centro do seu peito.

«Hector, o que estás a fazer?»

«Estou a dar-te o meu coração, minha senhora, mas, por favor, sê gentil com ele. É novo e nunca foi usado.»

«És tão tolo... Precioso, mas tolo.»

«Desde que te faça sorrir, serei sempre um tolo para a mulher que amo.»

«Tu amas-me?»

«Como a lua cheia ama a noite. Posso estar sempre por perto, mas só brilho na tua presença. E onde quer que estejas, seguir-te-ei, mesmo que seja um milhão de quilómetros.» Ele apertara a mão dela contra o seu peito, para que ela pudesse sentir o bater do seu coração. «Esta parte de mim nunca pertencerá a mais ninguém. Não dou presentes de ânimo leve e nunca os aceito de volta.»

Esse dia parecia ter ocorrido há um século e ela só conseguia imaginar o quão pior seria para ele.

— Há alguma coisa que possa trazer-te, alteza?

Ele franziu o sobrolho como se não compreendesse a pergunta.

— Se te trouxer comida, come-la?

Uma vez mais, não houve resposta. Por isso ela fez aparecer uma tigela repleta de maçãs e pousou-as ao lado dele. Memórias agrídoces repuxavam-lhe o coração enquanto ela recordava a frequência com que ele lhe levava maçãs,

quando se encontravam. Usava o seu punhal para as cortar em fatias, e depois dava-lhas a comer galantemente.

— Porque gostas tanto de maçãs?

A princípio pensou que não ia responder, depois ele sussurrou:

— São fáceis de transportar.

— É a única razão?

Ele engoliu em seco, ainda assim não cruzando o seu olhar com o dela.

— Quando eu era uma criança, o meu pai mandava-me para a cama sem comer sempre que o desiludia. O que acontecia muitas vezes. Por isso o meu irmão trazia-me maçãs para comer antes de dormir. Fazem-me recordar como era ter alguém que me amava.

Aquelas palavras arrancaram um soluço a Bethany.

— Mas tu nunca falas acerca do teu irmão.

Ele riu-se amargamente.

— Não vale a pena. Agora ele odeia-me.

— Porquê?

— Acheron acha que só porque as coisas lhe correram mal, a mim correram bem.

— Será que o teu irmão não vê a verdade?

— As pessoas criam a sua própria realidade, deusa. Odiamos e amamos por razões que só nós conhecemos.

E fora aquilo que ela mais falta sentira em relação a ele. O seu coração e a sua inteligência. Podiam passar horas infinitas a conversar acerca de ideias e sobre a natureza humana. Filosofia. Ele era capaz de falar com ela em numerosas línguas e sempre que havia uma palavra grega com que ela se debatia, podia utilizar o egípcio ou o atlante. Ele traduzia-a por ela.

— Ainda não me disseste qual é o teu preço, deusa.

Ela fez aparecer uma travessa com carne, fruta e pão, juntamente com um cálice de vinho.

— Come, por minha vontade.

Embora ela conseguisse perceber como ele estava faminto, ele hesitou. Pelos deuses, o que teriam eles feito à sua comida para que tivesse tanto medo de comer?

Um tique agitou-lhe o maxilar, enquanto uma triste sombra de resignação escurecia os seus olhos. Pegou numa fatia de carne de veado e comeu-a. A partir do momento em que teve a certeza de que era seguro, abdicou de todos os bons modos e mergulhou no resto da comida. Ela estremeceu ao ver o seu príncipe, refinado e digno, a comer como um animal raivoso.

E ele limpou toda a travessa. Não sobrou sequer uma migalha.

— Queres mais?

Ele abanou a cabeça, depois lambeu os dedos.

— Tens a certeza?

Subitamente consciente da sua falta de decoro, ele levou a mão a um guardanapo e limpou as mãos e a boca. Parecia tão cansado e derrotado. Ela ansiava por abraçá-lo e acalmar a sua dor.

Quando ele bocejou um segundo depois, ela franziu o sobrolho ao ver um estranho reflexo de algo...

— O que é isso?

Ele fitou-a de sobrolho franzido.

— O quê?

— Abre a boca outra vez.

Ele assim fez e o coração dela estremeceu. Alguém tinha aplicado uma fila de pequenas bolas de prata no centro da língua dele. Ela sentiu a visão a enegrecer perante tal cena. Era uma prática comum na Atlântida fazê-lo aos escravos sexuais.

— Quem é que te fez isso?

A vergonha nos olhos dele levou a que os seus se enchessem de lágrimas.

— Apolo, quando me levou para o Olimpo.

Ela já as tinha sentido antes quando se haviam beijado e quando ele lhe lambeu o seio, mas não se apercebera, na altura, do que era. Agora que sabia, queria sangue.

— Queres que tas remova?

— A tua vontade é a minha, *akra*.

Bethany tocou-lhe nos lábios com os dedos e usou os seus poderes para as dissolver.

Styxx pegou na mão dela e levou o pulso dela ao nariz.

— Cheiras como a minha Beth.

— Eu sou a tua Bethany.

Ele abanou a cabeça e libertou-a.

Suspirando, ela levantou-se e estendeu-lhe a mão.

— Vem, alteza. Pareces prestes a desmaiar.

Ele levantou-se sem lhe tocar e seguiu-a de regresso à cama. Ela aconchegou-o e começou a trautear.

Styxx encostou a mão ao ouvido.

— Porque troças de mim?

— Troçar de ti? Como?

— Por favor, leva-me de volta para a arena. Não quero continuar aqui.

Ela ficou chocada

— Preferes estar acorrentado como um animal do que descansar na minha cama?

Ele acenou com a cabeça.

— Porquê?

— Não quero que me recordem daquilo que perdi para sempre. Já dói o suficiente sem que piores as coisas. — As lágrimas roucas na sua voz fizeram-na sofrer, ao aperceber-se de que tudo aquilo que ela fazia e que o recordava dela o trespassava ainda mais.

— Muito bem. Não cantarei. Deixar-te-ei dormir em paz. — Mas isso era algo mais fácil de dizer do que de fazer. Porque ele não dormia pacificamente. Antes se agitava e virava enquanto os pesadelos o torturavam. Eram ainda piores agora do que haviam sido antes, sempre que ele dormira na sua cabana.

E por muito que a magoasse ver aquela dor, era o número de vezes que ele por ela chamara no sono que mais a trespassava. Incapaz de o suportar, sentou-se na cama ao lado dele enquanto ele dormia agitado e balbuciava um dilacerante: «Bethany».

— Chiu — sussurrou ela ao seu ouvido, tentando acalmá-lo. Utilizando os seus poderes, despertou-o para que ele pudesse ver que era ela nos seus braços, mas não o suficiente para que ele estivesse lúcido para a afastar.

— Bethany? — Ele disse o nome dela como uma oração.

Ela pousou a mão na face esculpida dele.

— Tenho sentido a falta do meu Hector.

Fechando os olhos, ele enterrou o rosto no cabelo dela e inspirou-a. Endureceu de imediato. Os olhos dela abriram-se ao sentir o membro dele contra a sua coxa. Já se esquecera de como era grande.

— Parece que também sentiste a minha falta.

Ele respondeu-lhe com um beijo tão escaldante, que ela ficou sem fôlego e fraca. Desesperada por agradar-lhe, mordiscou-lhe o corpo. Era tão estranho ver por fim o corpo que ela conhecia tão intimamente quanto o seu.

Ou pelo menos era isso que pensava.

Franzindo o sobrolho, ela deslizou a mão pelos cabelos ralos na sua virilha e viu uma marca que a deixou incrivelmente furiosa. Com a mão a tremer, pousou os dedos sobre a marca de escravo e cerrou os dentes. Já era suficientemente mau que tivesse sido usado como um prostituto, mas que o houvessem marcado enquanto tal...

Era inacreditavelmente cruel.

Porque não parti eu com ele há tantos anos, quando ele mo pediu?

Ter-lhe-ia poupado tanta dor e degradação. Tanta infelicidade. Naquele momento, podiam estar numa pequena cabana, algures, com um bebé...

Sós os três.

Em vez disso, ela optara pelo dever e obrigação, e deixara-o nas mãos de pessoas que não deviam sequer cuidar de um tapete.

Como é que te poderei algum dia compensar?

Será que algum dia o poderia compensar? Não sabia, mas estava determinada a tentar.

Styxx rosnou quando Bethany o tomou na boca. Sentiu a cabeça a andar à roda. Já há tanto tempo que não sentia as suas preciosas carícias. Há tanto tempo que uma mão carinhosa não o tocava. Seria aquilo real? Parecia, e, no entanto, parecia mais como um sonho.

Mas ele precisava que fosse real. Apenas por um momento. Alguns segundos.

Não me deixes de novo.

Embora Bethany o tivesse abandonado, ele queria-a de volta de tal maneira que, quando lhe haviam tirado o colar, ele se sentira como se alguém lhe tivesse arrancado um membro. Nada o magoara tanto.

E enquanto ela lhe tocava, as memórias iam regressando. Algumas tão dolorosas que ameaçavam trespassá-lo até ao fundo da alma. Mas, de algum modo, o toque dela mantinha-o fixo ao presente e fazia-as afastar-se.

Por um momento, esqueceu tudo, exceto essas tardes preciosas quando ele não era o príncipe Styxx. Quando só existira ele e uma mulher linda que lhe dera o riso no meio do absoluto Tártaro. Alguém que o ensinara a sorrir e ansiar por alguma coisa.

Alguém que lhe ensinara a esperança e o amor.

O maxilar estremeceu quando o prazer o trespassou. E, embora a sensação da boca dela fosse maravilhosa, não era isso que ele queria.

— Abraça-me, Bethany — sussurrou.

Ela foi beijando o seu corpo e depois deitou-se contra ele. Styxx deixou escapar repentinamente o fôlego antes de ter tomado a cabeça dela nas mãos e a ter beijado.

Fazendo-a rolar, prendeu-a por baixo de si enquanto ela abria as pernas, convidativa. Ele tomou a mão dela na sua e beijou-lhe a palma da mão, enquanto deslizava para dentro dela.

Bethany gemeu perante a sensação maravilhosa. Parecia uma eternidade desde a última vez que ele a abraçara. Ao longo do último ano, ela não se permitira recordá-lo. Teria sido demasiado doloroso.

Mas enquanto ela erguia os olhos para ele e o sentia dentro de si, ao mesmo tempo que ele a abraçava como se ela fosse a coisa mais importante do universo, tentou recordar-se da razão que a levava a ser suficientemente tola para se afastar.

Como poderia ela ter escolhido qualquer outra coisa em vez de alguém que a amava assim?

Não te mereço.

Silvou de êxtase enquanto ele se movia contra ela.

— Amo-te — sussurrou-lhe ao ouvido.

Ele ergueu-se para olhar para ela e tomou-lhe o rosto na mão. Não fazia ideia de que ela podia ver aquilo que nunca antes vira quando faziam amor.

A ternura naqueles olhos azuis. O amor e a dor. Marcaram-na. Ele enterrou-se ainda mais no corpo dela.

— Nem uma vez na minha vida senti o calor do Sol na minha pele até tu me teres tocado — sussurrou-lhe ele ao ouvido. — E sem a minha Bethany, vivo na total escuridão.

Ela sentiu um aperto na garganta.

— Senti tanta falta do meu poeta. — Nunca ninguém falara com ela como ele. Ele podia ser tão tímido e trapalhão e, ao mesmo tempo, tão eloquente e gracioso. Era o que ela mais amava nele.

Ele era sempre inesperado.

Nesse momento, o corpo dela irrompeu em prazer. Arqueando as costas, gritou enquanto ele se movia com cada vez mais força e cada vez mais fundo, dando-lhe mais prazer até e, por fim, se unir a ela. Com a respiração entrecortada, ele estremeceu nos braços dela.

— Amo-te com todo o meu coração, Beth — sussurrou gentilmente, enquanto a ia beijando até ao estômago.

Suspirando, deitou-se entre as coxas dela, com a cabeça pousada na barriga. A respiração dele fazia-lhe cócegas na pele, juntamente com as pestanas e os bigodes.

Ao fim de alguns segundos, ela apercebeu-se de que ele estava a dormir profundamente. Rindo-se, ela deslizou a mão pelo cabelo dele e pensou no dia em que se tinham encontrado e em que ele adormecera no seu colo.

Por outro lado, ele adormecia sempre com ela. Ela sabia, pelas suas conversas, que ele não dormia bem sozinho. E, no entanto, sempre que estavam

juntos, ele dormia durante um bocado. Sempre a encantara que ele confiasse nela quando não confiava em mais ninguém.

O sorriso de Bethany desvaneceu-se quando viu a marca de Apolo nas suas costas, e todas as outras feridas e cicatrizes. Styxx odiá-la-ia se alguma vez soubesse que ela era a deusa que o havia abandonado à crueldade de Apolo. Que ela pertencia ao panteão que tanto fizera por humilhá-lo e castigá-lo.

E quem o poderia culpar por isso? Ela devia ter lutado por ele em vez de lhe ter virado as costas. Ele teria lutado por ela com tudo o que tinha. Styxx jamais a teria abandonado. Por razão nenhuma.

Não penses nisso.

Não podia mudar aquilo que tinha feito. Mas podia garantir que mais ninguém o voltava a magoar. E fá-lo-ia. Nem que tivesse de desafiar todos os deuses do Olimpo e de Katateros. Ninguém voltaria a magoar o seu príncipe.

Perdoa-me, Styxx.

E, no entanto, naquela altura não sabia como reentrar na sua vida depois de todo aquele tempo. O que poderia ser mais cruel? Manter-se longe ou regressar a ele e recordá-lo de como o havia deixado quando ele mais precisava dela?

Como poderia ele voltar a confiar nela?

E agora que pensava nisso, alguma vez voltaria ele ao normal? Olhou de relance para o ver dormir. Mesmo inconsciente, ele agarrava-se desesperadamente a ela. Não tinha havido qualquer acusação ou reserva enquanto fazia amor com ela. Isso dava-lhe esperança.

Claro, ele também não estava plenamente consciente. Ainda assim, era de bom augúrio e talvez ele a pudesse aceitar de volta.

Ou amaldiçoá-la tanto como ela sabia, no fundo do seu coração, que merecia.

12 DE JANEIRO DE 9527 A.C.

TOSSINDO e fraco, Styxx despertou sob a luz brilhante do Sol que jorrava através da divisão de mármore branco. Inicialmente não fazia ideia de onde estava, até se ter lembrado da deusa que o havia libertado da sua cela. Ergueu-se da cama ornamentalmente gravada e dourada, de cortinas vermelho-sangue.

— Tem cuidado.

A cabeça dele girou enquanto a deusa loura o ajudava a sentar-se.

— Porque estou tão tonto? — Ele fitou-a, de olhos arregalados.
— Drogaste-me?

— Não, juro. Tens febre.

Isso explicava porque é que se sentia tão gelado e quente.

Ela envolveu-o com uma *formesta* e puxou-a em redor do pescoço dele.

— Vamos banhar-te e vestir-te, depois levar-te-ei para casa.

A dor chocou contra ele quando pensou em regressar à arena. Mas conteve-se. A diversão que ela havia procurado nele, já a deveria ter obtido. E apesar do que tinha dito, ele estava certo de que ela o havia drogado e utilizado. Todos o faziam.

Exceto quando lutava. Para isso e para o que se seguia, estava sempre sóbrio. Pois seria demasiado gentil que permitissem que ele esquecesse *isso*.

Cansado e enojado, seguiu-a de regresso à piscina e banhou-se rapidamente. Não valia a pena ficar mais tempo do que o necessário. Naquele

momento, a gentileza era a mais cruel forma de tortura. Porque o fazia sentir-se humano. O fazia ansiar por coisas que os deuses lhe recusavam.

Calor. Amizade. Felicidade.

Dignidade.

Ela vestiu-lhe um quíton cinzento, depois pegou-lhe na mão. Temendo o seu regresso ao Tártaro, Styxx cerrou os dentes quando partiram do templo dela e se materializaram numa zona de casernas. Um instante depois, foi atingido pelo reconhecimento.

Aquilo era Didymos?

— Alteza?

Styxx não conseguia respirar ao ouvir o som daquela voz familiar e rouca.

— Galen? — Os seus joelhos cederam.

A deusa impediu-o de cair.

Galen pegou-lhe no outro braço e lançou-o por cima dos ombros maciços.

— O que é que te fizeram, rapaz?

As palavras falharam-lhe quando as suas emoções se ergueram e Styxx se apercebeu de que estava realmente em casa outra vez. Não era um sonho ou uma alucinação. Era real. Agarrou-se a Galen e chorou perante a sensação de profundo alívio e gratidão.

Galen conduziu-o aos seus aposentos e ajudou Styxx a deitar-se. Tapou-o com as suas cobertas.

— Vou buscar o médico.

— Não podes.

Galen virou-se e franziu o sobrolho à deusa.

— Está extremamente doente.

— Eu sei. Mas eles acham que ele esteve aqui durante todo este tempo.

Como é que vais explicar todas as marcas no seu corpo, que contam uma história diferente?

Galen cerrou os dentes ao ver os velhos e novos cortes e hematomas.

— O que é que lhe fizeram? — repetiu ele.

Bethany queria chorar ao recordar como havia encontrado Styxx na sua cela.

— Tu não queres que eu responda a essa pergunta e tenho a certeza que Styxx não quer. Bastará dizer que tem estado nas mãos de pessoas que o odeiam há muito tempo.

Styxx ignorou-os a ambos enquanto a sua respiração ofegava, fitando com incredulidade a parede caiada de branco.

— Obrigado por o ter trazido de volta.

Ela inclinou a cabeça a Galen.

— Por favor, recorda-o, quando ele for capaz de andar sem assistência, que terá de... — Ela cerrou os dentes enraivecida perante aquilo que um sacana do Olimpo exigira em troca da sua liberdade. — Sanar as coisas com Apolo.

— Assim farei.

E, dito aquilo, desapareceu.

Styx olhou à sua volta, esperando que a divisão onde se encontrava desaparecesse.

— Estou mesmo aqui, Galen?

— Estás.

Ainda incapaz de acreditar que não se tratava de um sonho, Styx passou a língua pelos lábios gretados.

— Há quanto tempo parti?

— Não tenho a certeza. Qual é a última coisa de que te lembras?

Como poderia ele esquecer?

— A festa de noivado. O pai anunciou que a Ryssa estava grávida.

Galen empalideceu e sugou o ar por entre os dentes.

Aquilo não prenunciava nada de bom. Styx franziu o sobrolho ao idoso.

— Então?

— O filho dela tem quase cinco meses.

Styx arquejou quando se apercebeu de que passara praticamente um ano inteiro. E havia um evento terrível no qual não teria estado presente e que teria acontecido na sua ausência.

— Estou casado?

— Não. Mandaste embora a princesa egípcia depois de Acheron a ter tentado violar.

Aprofundando o franzir de sobrolho, Styx tentou dar sentido àquilo que Galen lhe dizia.

— Já não estou noivo?

— Não, alteza. Há já vários meses. — Galen engoliu em seco enquanto o medo lhe assombrava os olhos cinzentos. — Onde estiveste todo este tempo?

Styx estremeceu perante as memórias que o dilaceravam.

— Atlântida. — Não disse mais nada para além disso. Não valia a pena contar a Galen que tinha sido mantido numa jaula, espancado e utilizado como um *tsoulus* e prostituto. Não que isso não fosse óbvio, tendo em

consideração o seu estado físico. Tinha marcas de dentadas e de mãos por todo o corpo e em lugares que diziam exatamente o quão maltratado fora.

Suspirando, tentou aceitar tudo aquilo. A última vez que estivera desaparecido durante tanto tempo, a mãe morrera. Desta feita, perdera um nascimento.

— O filho dela tem mesmo cinco meses? Como se chama?

— Apollodorus.

Presente de Apolo. Era o suficiente para o fazer sentir-se enojado. Como poderia ele alguma vez chamar o seu sobrinho pelo nome do seu mais amargo inimigo? Em especial sabendo que o inimigo era o pai da criança?

Mas ele não seria como os pais. Jamais culparia o filho pelo pai que tinha. De todos os homens, ele sabia qual era a sensação. Acontecesse o que acontecesse, amaria e protegeria o rapaz inocente.

Fechando os olhos, continuou a percorrer os eventos que perdera. Até se ter recordado de algo que Galen dissera.

— Espera... *eu* mandei Nefertari para casa?

Galen acenou com a cabeça.

— Eu sabia que havia algo de errado. Não estavas a agir como tu mesmo, mas pensei que fossem nervos por causa do casamento e cansaço dos combates. Devia ter-me apercebido, mal vi o impostor pegar no teu escudo e combater, que não eras tu. Ele segurava-o com repulsa.

Styx riu-se amargamente.

— Não te surpreendas se eu tiver agora também esse tipo de aversão. — Porque sempre que ele tocara num durante o último ano, ganhasse, perdesse ou empatasse, o resultado era sempre o mesmo.

Uma humilhação abjeta e pública, no final do combate.

— Sim, mas eu conseguia dar-lhe uma tarefa.

Aquilo não aconteceria, sem sombra de dúvida. Em especial não depois de ter combatido com lutadores atlantes maiores do que ele, no ringue. As suas aptidões nunca tinham estado mais apuradas.

Nem sido mais letais.

E, ainda assim, não tinha sido o suficiente para se proteger.

— Que mais é que eu fiz? — Temia a resposta.

Galen cerrou os dentes.

— Sinceramente? Tens sido um real sacana. Bem... não tu, o outro Styxx. E tu... ou, melhor, *ele*, irritou muitos dos homens.

— Como assim?

— Ele aboliu as pensões e aumentou as suas quotas de serviço anuais,

sem qualquer pagamento extra. Insultou-nos a todos e tem-se comportado como um fedelho descontrolado com toda a gente. Até o teu pai já está farto de ti.

Styxx tinha de dar crédito a Apolo. Avisara-o de que o iria arruinar e conseguira. Não que Styxx tivesse muito a perder em termos de reputação. Mas odiava que os seus homens tivessem sofrido por isso. Isso fora algo que não antevira.

A primeira coisa que faria seria cuidar deles.

E de Galen.

Tentou levantar-se para começar, mas, mal se moveu, gemeu de absoluta agonia e voltou a cair sobre a cama. Com uma careta, olhou de relance para o seu mentor.

— Pareço assim tão mal?

Galen ergueu o braço de Styxx, que estava repleto de feridas e cortes.

— Esta é a parte de ti que parece ter menos danos. Pareces ter lutado contra Equidna e todos os seus filhos. E estou certo de que a hidra te engoliu inteiro e te expeliu pelo traseiro.

Styxx deixou escapar um suspiro cansado.

— É bom saber que a aparência corresponde ao sentimento.

Galen riu-se.

— Ora, este é o príncipe de que me lembro. Bem-vindo a casa, filho. Senti a tua falta.

Mas estou disposto a apostar que mais ninguém sentiu.

— O impostor ainda cá está? — perguntou Styxx.

— Não sei. Irei ao palácio verificar. Depois dir-te-ei. — Após levantar-se, Galen hesitou. Dirigiu-se ao seu baú e retirou do interior um espelho.

Styxx tirou-lho das mãos e arquejou. Um dos lados do seu rosto encontrava-se ferido e inchado. O olho esquerdo estava completamente vermelho e roxo e o nariz e os lábios, cobertos de sangue. Mesmo com a sua capacidade de cura aumentada, passar-se-iam vários dias antes que pudesse ser visto. A menos...

— Podíamos dizer que tive um acidente.

Galen baixou a parte de cima do quítion de Styxx para lhe mostrar a marca perfeita de uma mão em redor do pescoço dele.

— Suponho que alguém te tenha tentado salvar estrangulando-te?

— É provável que o meu pai acreditasse nisso.

Galen fungou.

— A deusa tem razão. Se regressares agora a casa, o teu pai chamará um

médico. E tenho a certeza de que tens outros ferimentos que não queres que ele veja.

Nisso tinha razão.

— Está bem. Em que mês estamos?

— Gamelião.

— Au... — O mês do casamento e do festival de Apolo. Uma péssima altura para ele. — O festival já passou?

— Terminou há dois dias.

Graças aos deuses por essa pequena misericórdia. Com exceção do facto de que o seu duplo teria estado presente.

— Eu compareci?

— Como uma prostituta bêbada num acampamento.

Styx dispensava a analogia. Mas pelo menos o festival dava-lhe uma desculpa para não estar em casa.

— Diz ao meu pai que fui raptado por uma ninfa voluptuosa e que ela me arrastou para o seu covil.

— Para que conste, não me agrada ser apelidado de ninfa voluptuosa.

O humor do seu mentor fez deslizar uma lágrima pelo canto do seu olho, ao mesmo tempo que as saudades de casa e a gratidão se abatiam com força sobre ele.

Galen franziu o sobrolho.

Styx limpou a garganta, enquanto se obrigava a refrear as emoções.

— Lamento, Galen. É bom estar em casa... e em segurança. Ainda que isso signifique olhar para o teu rosto encanecido.

Galen pegou-lhe na mão e segurou-a.

— É bom ter-te de volta e direi ao teu pai, mas tenho a certeza de que a tua pseudo-ociosidade não te tornará mais querido.

— Ele que me espanque por isso. Pelo menos não me tentará comer primeiro. — Styx sugou a respiração quando se apercebeu do deslize que cometera.

Mas não havia qualquer juízo de valor nos olhos de Galen.

— Fica descansado, alteza, e regressarei tão depressa quanto possível.

Styx ficou a observá-lo até Galen partir. Ainda não conseguia acreditar que estava ali. Nunca pensou que conseguisse regressar a casa.

— *Vamos mostrar a Sua Alteza como é que tratamos as vis prostitutas gregas na Atlântida!*

Ele estremeceu perante a memória das vozes hostis que assaltaram os seus pensamentos. Imagens a ser derrubado por matilhas de cães e leopardos,

enfiado em armadilhas, dilaceraram-no. Mas por terríveis que fossem, eram infinitamente melhores do que as outras memórias que tinha. E nunca nada haveria de abafar o som das multidões que aplaudiam enquanto ele era brutalizado para gáudio do público.

Rosnando, desejou pelos deuses poder voltar atrás no tempo. Independentemente das suas ordens ou de outras repercussões, teria feito marchar o seu exército pelo traseiro da rainha atlante e plantaria a sua bandeira da fénix no meio da testa dela.